




REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS  
E-ISSN 2358.6958

## Quais os sentidos de escola? Olhares reais e fictícios sobre as (des) obediências na escolarização

Adriana Teles

### Para citar esta resenha:

TELES, Adriana. Quais os sentidos de escola? Olhares reais e fictícios sobre as (des) obediências na escolarização. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 4, n. 53, dez. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573104532024e0802

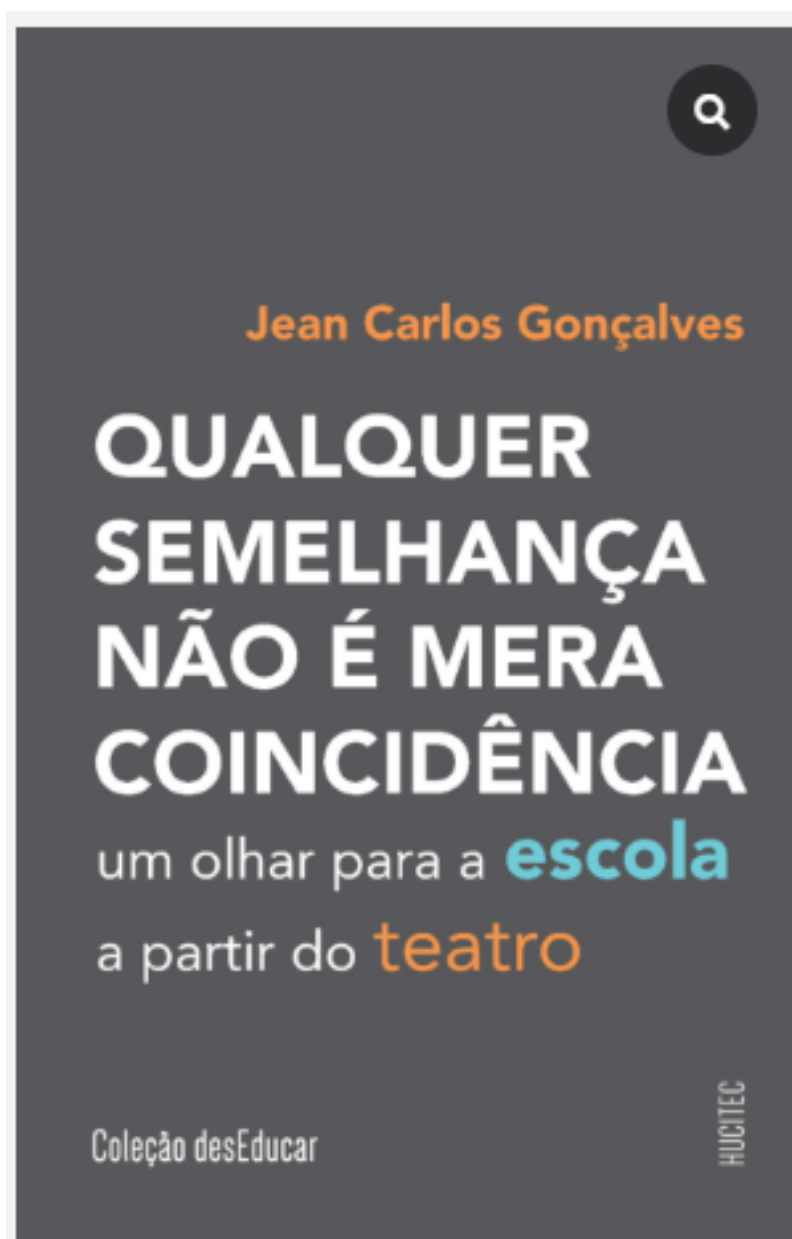
Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)

## Resenha da obra

GONÇALVES, Jean Carlos. *Qualquer semelhança não é mera coincidência: um olhar para a escola a partir do teatro*. São Paulo: Hucitec, 2023. 118p.





## Quais os sentidos de escola? Olhares reais e fictícios sobre as (des) obediências na escolarização<sup>1</sup>

Adriana Teles <sup>2</sup>

### Resumo

Resenha do livro *Qualquer semelhança não é mera coincidência* - um olhar para a escola a partir do teatro de autoria de Jean Carlos Gonçalves. Esta obra constitui a Coleção *desEducar*, trata-se de um selo da Hucitec Editora. O livro inaugura um espaço-tempo de quinze anos entre a defesa de dissertação do autor e o revisitar da pesquisa. A obra contém um prefácio, apresentação, nota introdutória e prólogo, seguida de três atos, que expressam os diálogos entre o teatro e a escola, seus enunciados e conceitos retratados em materialidades enunciativo-discursiva em formato de exercício cênico. Na sequência, um epílogo e uma seção dedicada às memórias de escola.

**Palavras-chave:** Escola. Teatro. Linguagem. Bakhtin.

### What are the senses of school? Real and fictional perspectives on (dis)obediences in schooling

#### Abstract

Review of the book *Qualquer semelhança não é mera coincidência: um olhar para a escola a partir do teatro* [Any resemblance is not mere coincidence: a look at the school through the lens of theater] by Jean Carlos Gonçalves. This work is part of the *desEducar* Collection, published by Hucitec Editora. The book inaugurates a fifteen-year period between the author's thesis defense and his revisitation of the research. It includes a preface, an introduction, an introductory note, and a prologue, followed by three acts that convey the dialogues between theater and school, with their statements and concepts portrayed in enunciative-discursive materialities in the form of theatrical exercises. This is followed by an epilogue and a section dedicated to school memories.

**Keywords:** School. Theater. Language. Bakhtin.




### ¿Cuáles son los sentidos de la escuela? Miradas reales y ficticias sobre las (des)obediencias en la escolarización


#### Resumen

Reseña del libro *Cualquier semejanza no es mera coincidencia: una mirada a la escuela desde el teatro*, de Jean Carlos Gonçalves. Esta obra forma parte de la Colección *desEducar*, un sello de la Hucitec Editora. El libro marca el inicio de un espaciotemporal de quince años entre la defensa de la tesis del autor y la visita de la investigación. La obra contiene un prefacio, una presentación, una nota introductoria y un prólogo, seguidos de tres actos que expresan los diálogos entre el teatro y la escuela, sus enunciados y conceptos representados en materialidades enunciativo-discursivas en formato de ejercicio escénico. A continuación, se incluye un epílogo y una sección dedicada a las memorias escolares.

**Palabras clave:** Escuela. Teatro. Lenguaje. Bakhtin.

<sup>1</sup> Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Fabíola Junghans, licenciada em Letras Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), pós-graduada em Tradução de Inglês pela Estácio de Sá e Graduanda de bacharelado Letras Português pelo Centro Universitário Internacional (Uninter).

 fabiolajunghans@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/4117686301777567>  <https://orcid.org/0009-0007-3096-2568>

<sup>2</sup> Pós-doutorado pelo Instituto de Letras, Linguística e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduação em Artes Cênicas pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/FAP), Arte pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), em Pedagogia pela Universidade de Franca (UNIFRAN), e Psicopedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Membro Pesquisadora no Labelit - Laboratório de Estudos da Educação, Linguagem e Teatralidades (UFPR/CNPq), e da Diálogos Rede Internacional de Pesquisa. Professora do Colégio Estadual do Paraná.  [adriana\\_teles3@yahoo.com.br](mailto:adriana_teles3@yahoo.com.br)

 <http://lattes.cnpq.br/2368836151896583>  <https://orcid.org/0000-0002-2885-5751>



O livro *Qualquer semelhança não é mera coincidência*: um olhar para a escola a partir do teatro, escrito por Jean Carlos Gonçalves e publicado em 2023 pela Editora Hucitec, na coleção desEducar, constitui a primeira edição e o primeiro volume da coleção. Trata-se de uma obra que reflete e retrata os sentidos de escola expressos nos corpos que compõem o espaço escolar: corpos gestores, corpos que ensinam, corpos estudantes.

Corpos que se revelam no espaço da cena, em formato de improvisação teatral, que são compreendidos nas tramas discursivas, nos enunciados de um espaço escolar, que se encontram em seus processos quase que invariáveis dos papéis sociais estabelecidos, do que é atuar como professora/professor, direção, aluna/aluno; e as relações de poder que circulam na personificação desses papéis.

A obra é o resultado da dissertação de mestrado do autor, defendida em 2008, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB), na linha de pesquisa: Discurso e Práticas Educativas. A intenção de revisitar o estudo, transcorridos quinze anos da defesa é, antes de tudo, um espaço-tempo de comemoração do itinerário de uma vida dedicada à educação e à arte. Ancoram-se nesse espaço-tempo os reencontros com o passado de uma escrita, de um autor, dos sujeitos do estudo, das demais autorias que já integravam a pesquisa, e o convite para novas autorias que trouxeram suas memórias de escola para compor esse tempo do passado-presente. Nesses encontros temporais atravessados pelos limites conceituais em Spolin, Johnstone, e Foucault, das questões enunciativas em Bakhtin e Ubersfeld, a partir de olhares situados é que os sentidos de escola se revelam, na dimensão singular de cada sujeito, em um processo investigativo na perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD).

Jean Carlos Gonçalves, em sua trajetória de pesquisa tanto na educação, quanto no teatro, está vinculado aos estudos da linguagem pelo prisma dos estudos de Bakhtin e o Círculo. É professor associado do Departamento de Teoria e Prática de Ensino do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), também do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), linha de pesquisa LiCorEs: Linguagem, Corpo e Estética na Educação; e do Programa de Pós-graduação em Letras. Ele é doutor em Educação pela Universidade Federal



do Paraná, mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau e bolsista da Capes na mesma instituição (Prosup/Capes). É bacharel e licenciado em Teatro-Interpretação. Também é líder do Laboratório de estudos em educação, linguagem e teatralidades (Labelit/UFPR/CNPq) e da Diálogos: rede internacional de pesquisa. Além disso, é diretor, na Hucitec Editora, da Coleção desEducar, da Coleção LiCorEs - Linguagem, Corpo, Estética (com Beth Brait) e da Coleção Estações (com Sônia Machado de Azevedo). Tem experiência em Linguagem, Corpo e Educação, atuando principalmente em projetos sustentados teoricamente pelos estudos de Bakhtin e o Círculo. Por fim, é pesquisador do CNPq, Produtividade em Pesquisa PQ-1D.

O autor chama a atenção para os caminhos que o levaram à escrita da sua dissertação até chegar na produção do livro, um percurso de encontros com sujeitos e suas enunciações. Portanto, esses encontros retratados por ele, falam também de uma busca curiosa, rigorosa e sistemática pela compreensão do que é/são o(s) sentido(s) de escola. Assim, o texto abre caminhos reflexivos para pensar e viver os sentidos de escola em uma lumiar, a partir da linguagem, da inter-relação entre o sujeito que pesquisa, o sujeito que é pesquisado, os conceitos e as práticas. Por compreender que o sujeito se constitui em um processo de linguagem a partir da palavra do outro, o autor aborda os sentidos atribuídos à escola pelo viés da ADD em Bakhtin e o Círculo, a dupla enunciação em Ubersfeld (2005), no entendimento de um olhar para a escola a partir do teatro. O aporte teórico a seguir, se refere às relações de poder expressas na escola, sob a perspectiva de Foucault. Já as teorias teatrais sobre a improvisação, têm como base os conceitos de Viola Spolin (2000) e Keith Johnstone (1990).

Uma pesquisa realizada em 2008 (em um panorama histórico, político e social específico), encontra-se, em 2023, não só em outro tempo histórico e social, mas no encontro com um outro autor da pesquisa. Nesse espaço-tempo do passado e do presente, ou de um passado presente, os dizeres dos sujeitos diversos que compõem o livro, solicitam à escola, não mais respostas sobre seus sentidos, mas quais são as perguntas (hoje) sobre os sentidos de escola?

Para uma melhor compreensão do trajeto de pesquisa do autor, o livro foi organizado em um *prólogo* que traz a justificativa, o tema e a intenção da pesquisa.

O 1º Ato, aborda o percurso da pesquisa e suas subjetividades, bem como os objetivos o aporte teórico e seus procedimentos metodológicos. No 2º Ato, os conceitos que envolvem a improvisação teatral, o discurso e a dupla enunciação, aproximam o teatro do campo da linguagem. Para o 3º Ato, o autor aborda os sentidos de escola, ou a própria escola, na dimensão do exercício cênico, a reflexão sobre a estrutura (social-simbólica) da escola é compreendida a partir da análise dos dados sobre os lugares sociais de onde falam as personagens no exercício de cena. No *epílogo*, a leitora e o leitor encontrarão as considerações finais e os caminhos da pesquisa.

Os estudos bakhtinianos se entremeiam nos dizeres do livro, nas escritas do passado e do presente que se expressam no prefácio, na apresentação, na nota introdutória, no prólogo, nos atos, no epílogo e nas memórias de escola.

É a orientadora de mestrado do autor que assina o “Prefácio: sobre a escola que faz sentido e os sentidos que a escola leva a construir”, a professora Otília Lizete de Oliveira Martins Heinig, docente aposentada da FURB. O texto entrecruza o olhar da professora sobre os sentidos que ela atribuiu à escola durante sua infância, e questiona: o que significa escola no contexto da constituição do sujeito que fala, que se expressa, que se encontra na impertinência, na desobediência dos ritos escolares? Fala, em sua descrição imaginativa, de um primeiro contato com a escola na dimensão do sagrado. Passada essa primeira ideia de escola (fantasia), se depara com a organização escolar, desde os processos de alfabetização (hoje letramento), com a cartilha *Caminho Suave*, o condicionamento e o silenciamento do corpo, das suas vozes/dizeres, até a dúvida sobre o que sabia e ou o que poderia manifestar em sala de aula através do seu corpo-criança. Uma professora que, a partir da sua curiosidade pelos sentidos de escola, desenvolveu um projeto que possibilitou ao texto do livro, *Qualquer semelhança não é mera coincidência*: um olhar para a escola a partir do teatro, se colocar na escuta daquelas e daqueles que estão na escola, no propósito de compreender o que significa escola e o impacto nos corpos que a habitam. E alerta a quem ler a obra: “você irá ler sobre os sentidos de escola em um exercício de improvisação teatral” (Heinig, 2023, p.15).

“Uma responsividade atemporal” é o título da apresentação do livro, escrita pelo professor aposentado da FURB e da Univali, Osmar de Souza, que foi um dos



docentes que acompanhou o autor em sua trajetória de estudos no mestrado. Em seu relato sobre como conheceu o Jean, fala do encontro entre os dois, inicialmente dentro de um ônibus e, logo depois, coincidentemente ou não, o segundo encontro se deu na entrevista que Jean participou como uma das etapas para a admissão ao mestrado. Dado o encontro, o professor Osmar identificou nele um estudante leitor, capaz de leituras profundas e considerações pertinentes sobre os estudos bakhtinianos, sem abandonar os estudos do teatro. E ao conhecer mais sobre essa perspectiva, seguiu seu percurso rumo ao doutorado e à aprovação para ocupar uma cadeira como docente na UFPR. Para o professor Osmar, Jean é, antes de tudo, um leitor, dentro do rigor e da extensão acadêmica e social, nos quais se construiu também como escritor, autor e pesquisador.

Esse autor, que se revela entre conversas, assina a “Nota introdutória: um livro sobre a escola, 15 anos depois”. Nessa parte, a conversa se situa em seu percurso de pesquisa no mestrado, com a defesa de sua dissertação realizada em 2008, no Programa de Pós-graduação em Educação da FURB, na linha de pesquisa Discurso e Práticas Educativas.

Para além do olhar descritivo da sua trajetória inicial como pesquisador, Jean não se aparta da conversa, e suas memórias pontuam cada palavra escrita. Uma escrita que revela o seu reconhecimento pelos caminhos percorridos academicamente. Entre suas palavras, transparecem memórias sobre a escola, que o fez insistir nos livros, no diálogo, e na compreensão de seus interlocutores.

Os desdobramentos da pesquisa de mestrado até a transformação em livro também retratam os momentos que compõem o hiato entre um manuscrito desenvolvido para uma defesa de mestrado, e outro em formato de livro. O autor manteve a estrutura que remete às suas origens teatrais: um livro entre atos, que revelam suas personagens (reais e fictícias), seus cenários (concretos e simbólicos), e suas atuações entrelaçadas pelos aspectos (a)temporais e socioculturais. Jean abre a quarta parte do livro como um prólogo, que se refere a um escrito preliminar ou uma introdução sobre o assunto e os caminhos que irão se desenvolver no desenrolar da obra. É nessa seção que se manifesta a gênese do trabalho, permitindo a sua compreensão, firmada pelo autor como uma escrita entre conversas. Aqui se expressam os aspectos conceituais em outro



âmbito: o da reflexão e da subjetividade. A seção traz mais três momentos: o início da pesquisa, o interesse do autor pelos processos em improvisação teatral, e a chegada até o Mestrado em Educação. A compreensão da linguagem pela constituição do que fala o outro, levou o autor à escolha da perspectiva teórica, da Análise Dialógica do Discurso (ADD) em Bakhtin e o Círculo.

No *1º Ato*, intitulado “A pesquisa”, de chofre nos deparamos com a visão dialógica impressa pelo autor ao se referir à delimitação do tema da pesquisa, a compreensão das possibilidades educativas e expressivas da improvisação teatral, tratada, em um primeiro momento, como uma possibilidade de pesquisa. A improvisação como instrumento didático e, a partir dessa ideia inicial, os sentidos de escola se apresentam como objetivo geral do trabalho, com o propósito de compreender os sentidos produzidos por estudantes de teatro em exercícios de improvisação, os quais possibilitaram revelar as esferas que circulam esses sentidos quando se relacionam ao ambiente da escola. O autor considerou que um processo de improvisação se dá sem a previdência de uma encenação teatral, a improvisação no teatro se dá no espaço da imprevisibilidade e da ação do agente. Apesar do campo de pesquisa, este se deu em um projeto de aulas de teatro para o ensino fundamental II, mais especificamente estudantes do 7º e 8º ano, em uma escola da cidade de Camboriú, no estado de Santa Catarina.

“Improvisação teatral e discurso” abre a introdução do 2º Ato, espaço da discussão teórica do trabalho, a fim de estabelecer a inter-relação dialógica entre discurso e teatro. Essa parte apresenta a delimitação conceitual de improvisação instituída no estudo, a historização situada do aspecto cênico, a justificativa de Foucault como partícipe da pesquisa. Esse capítulo é composto por quatro seções: “Limites conceituais: Spolin e Johnstone”, apresenta a perspectiva adotada pelo autor sobre a improvisação em Johnstone (1990) e Spolin (2000). Nessa visão, a improvisação é vista no âmbito do teatro como um processo social, o qual reflete os status das relações humanas. Dada essa demarcação conceitual sobre a improvisação teatral, a segunda seção, “Teatro e dupla enunciação: Bakhtin e Ubersfeld”, aponta os caminhos dos enunciados refletidos nos exercícios de improvisação, os quais revelam, na ação ficcional, os aspectos da vida real. Nessa perspectiva, a partir do que o autor denominou como jogos cênicos, e na





improvisação decorrente do tema escola é que os sentidos dessa temática são expressos pelo grupo de estudantes. Na dupla enunciação que trata Ubersfeld (2005), o enunciado nunca é isolado do seu contexto, portanto, este comporta ao menos duas vozes. Quem está em improvisação, ao se depararem com a personagem (composta por suas vozes), também imprimem sua voz (social) ao improvisarem, seus sentidos de escola vão sendo pontuados a partir da ação em cena e das trocas discursivas entre pares. A seção 3, “A(u)tor convidado: Foucault”, apresenta uma nota de rodapé contendo a escolha do autor, ao convidar Foucault para falar das relações de poder no ambiente escolar. Situada a escolha, o autor se debruça nas aproximações entre os estudos bakhtinianos, e as relações de poder em Foucault (1998).

Na última seção desse ato, “A materialidade enunciativo-discursiva”, o autor trata da constituição da pesquisa, que é composta por transcrição (jogos cênicos), descrição (ação), e registro em um diário de campo (escritos do pesquisador). Aponta para a análise dos dados em capítulo posterior, faz observações a respeito da questão da transcrição da fala em uma pesquisa e, para isso, articula três perspectivas: Marcuschi (2001), que trata dos cuidados na transcrição por parte do pesquisador em não direcionar conforme seus interesses, pois a transcrição já é uma primeira interpretação. Em Faraco (2003), os aspectos socioculturais se entrecruzam com os dizeres dos sujeitos e, nessa multiplicidade, produzem novas discursividades. A multiplicidade de vozes (heteroglossia) que trata Bakhtin (2004).

Ao se direcionar para o 3º Ato, “Exercício cênico: a escola”, o autor aborda os aspectos discursivos decorrentes dos dados. Os dados foram transcritos e suas análises realizadas a partir da ADD em Bakhtin (2003, 2004), bem como em Foucault (1998, 2003). É ressaltada a importância do diário de campo na compreensão do percurso da pesquisa. A identificação dos sujeitos da pesquisa foi feita segundo as personagens da obra *Aurora da minha vida*, de Naum Alves de Souza (2003). Na sequência, o capítulo é dividido em três seções, sendo a terceira seção composta por quatro subseções. Na primeira seção, “O corpus da pesquisa”, o autor recorreu à perspectiva dialógica em Bakhtin (2003), para ressaltar a inter-relação discursiva das materialidades analisadas. O autor apresenta as situações provenientes dos jogos cênicos em formato de episódios (cinco episódios), o que



permite um panorama de como essa produção de dados ocorreu nos exercícios de improvisação. O Episódio I, retrata a cena entre bobo (estudante), e o professor. Nesse episódio, o que se revela são as relações de hierarquia entre as personagens e as relações de poder. O Episódio II, mantém o mesmo *status* das personagens expressas no retrato anterior. Nos episódios seguintes, existe o aprofundamento dos elementos de poder exercidos pela figura do professor e da diretora. Para a seção “Espaço: uma questão de status”, vemos a identificação do autor com relação à constituição do que é o espaço escolar aos olhos dos sujeitos da pesquisa, um espaço cristalizado em seu formato (formação em fileiras). Considerando que a coleta de dados foi realizada a partir da ação improvisada do grupo de estudantes, estes, ao entrarem em ação, não demonstraram a escola em outros ambientes, como o espaço externo e ou os outros setores que também compõem a escola. O que o autor tratou como um silêncio, exercido pelos fatores punitivos com relação ao corpo que se expressa em algum grau como indisciplinado. A análise desse fator é realizada por um excerto do Episódio V, no qual o grupo de estudantes retrata o nível de posse sobre os objetos da sala por parte do professor. O que se segue em “Distribuição de papéis: os lugares sociais”, na retomada do silêncio dos corpos em situações de poder e as revelações do sujeito. Portanto, os sujeitos da improvisação teatral se colocam de um único lugar possível: o lugar que ocupam na esfera social. As subseções seguintes refletem os dizeres das personagens e seus posicionamentos diante das circunstâncias apresentadas em improviso. Tais momentos estão divididos em: “Mais respeito, eu sou professor”, retrata tanto a imposição do silenciamento dos corpos, quanto o seu controle através da expressão “Quietinhos e escrevendo”. Em “Eu sou a diretora, eu sou a soberana”, se revela a posição de poder dos corpos que habitam o ambiente escolar, o do professor com relação ao bobo, o da diretora em detrimento da posição do professor, esse lugar social é identificado pelo autor na análise dos elementos adverbiais, pronominais e verbais proferidos pelas personagens. A resistência retratada em improvisação pelo grupo de estudantes, se revela na subseção “Bobo: lugar de resistência”. Para fechar as análises, o autor traz o discurso das personagens gêmeas, retratado em “Gêmeas: a homogeneização do sujeito”. O discurso de homogeneização que se revela na escola, se faz através do discurso autoritário, o autor analisa diferentes trechos de



falas das personagens, os quais evidenciam como circulam os dizeres e seus níveis de posição social.

No Epílogo trata-se da autoria dos discursos expressos pelas personagens durante a improvisação, bem como a autoria da construção do discurso durante o processo de jogo cênico. Assim como a dimensão dialógica do discurso e sua colaboração na compreensão de que os dizeres são constituídos na multiplicidade de vozes e suas reverberações na esfera social. “Qualquer semelhança não é mera coincidência” é a proposição que o autor faz à leitora e leitor, no sentido de reconfiguração desse enunciado.

“Palavras ao vento: memórias de escola”, é um chamado do autor para que a dissertação de outrora, agora livro, também fosse composta por outras vozes, e são essas outras vozes que se colocam a conversar através das suas memórias de escola. São seis ensaios que retratam a escola em tempos diferentes, mas de um lugar social: o olhar de estudante. “Escola: imagens nas dobras da memória”, de Beth Brait (2023), retrata de modo descritivo o deslumbre que uma criança pode ter em seu primeiro dia na escola, as lembranças da figura da professora, da organização e da disposição dos elementos da sala de aula. Megg Rayara Gomes de Oliveira (2023), se revela como a criança da resistência, “Aprendendo o que é racismo, homo-transfobia e classismo com minha professora do primeiro ano!” Esse é o título do seu ensaio, com memórias de um tempo de escola cristalizado por aquelas crianças identificadas como adiantadas nos estudos, e as classificadas como atrasadas. Megg, segundo a escola, estava atrasada, portanto, seu lugar era o mais distante na sala, o fundo. Na escola, conheceu e reconheceu que a cor da pele, a classe social e as questões de gênero são marcadores de exclusão. “Nossa Senhora do Patrocínio”, de Sonia Machado de Azevedo (2023), são lembranças poéticas de tudo o que toca o corpo, a chuva, os sons... Conta que aos 11 anos estudou como interna, em um colégio fundado em 1859, diz que a memória do lugar ainda lhe causa deslumbre, uma espécie de coisa de outro mundo. No ensaio “Faz de conta que eu te conto”, de Adriana Teles de Souza (2023), o primeiro dia de aula, foi um misto de curiosidade e assombro, o medo de ser deixada para sempre na escola, a dificuldade para compreender que seu corpo criança precisava ficar quatro horas sentado em uma cadeira, quase um desespero. Foi na



primeira série que ela aprendeu que na escola não se pode mostrar tudo que se sabe. Crianças que fazem muitas perguntas desorganizam a professora. “Sem Título”, é assinado por Agnan Siqueira (2023), que aos doze anos teve seu primeiro contato com um professor de teatro. Ela descreve sua trajetória nas aulas de teatro e se demora na lembrança do monólogo, “Caixa de Pandora”, que apresentou no refeitório do colégio onde estudava. Sua concentração em cena, os olhos do pai cheios de lágrimas a aplaudindo, e dezessete anos depois, uma encenadora e dramaturga. Andrio Robert Lecheta (2023), em “Fragmentos, desabafos e poeiras de memórias escolares de um viadinho”, na entrada já pergunta, “O que um corpo viado pode lembrar sobre a escola?” Ao responder, coloca suas memórias na rota de fuga, para então criar. Suas memórias relembram a homofobia, o *bullying*, o medo da rejeição, a solidão e os espaços que teve que forjar para existir e resistir à escola.

Em síntese, a obra *Qualquer semelhança não é mera coincidência*: um olhar para a escola a partir do teatro, faz um chamado urgente e esperançoso de pesquisas consistentes que investiguem os corpos e seus lugares sociais na escola, para além do que já está subscrito sobre a escola como espaço social, e suas afirmações, do que devem ou o que podem os corpos escolares. A presente publicação é uma provocação de quem enxerga a escola a partir do teatro. Não responde o que faz o corpo na escola, mas do horizonte dialógico diz, o que é escola?

## Referências

AZEVEDO, Sonia Machado. Nossa Senhora do Patrocínio. In: GONÇALVES, Jean Carlos. *Qualquer semelhança não é mera coincidência*: um olhar para a escola a partir do teatro: 1. São Paulo: Hucitec, 2023. [p. 99 - 102].

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Sahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



BRAIT, Beth. Escola: imagens nas dobras da memória. In: GONÇALVES, Jean Carlos. *Qualquer semelhança não é mera coincidência: um olhar para a escola a partir do teatro: 1*. São Paulo: Hucitec, 2023. [p.93 - 98] .

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

HEINIG, Otilia Lizete de Oliveira Martins. Prefácio: sobre a escola que faz sentido e os sentidos que a escola leva a construir. In: GONÇALVES, Jean Carlos. *Qualquer semelhança não é mera coincidência: um olhar para a escola a partir do teatro: 1*. São Paulo: Hucitec, 2023. [p.11 - 19].

JOHNSTONE, Keith. *Impro: improvisação y el teatro*. Trad. Elena Olivos e Francisco Huneeus. Santiago (Chile): Editorial Cuatro Vientos, 1990.

LECHETA, Andrio Robert. Fragmentos, desabafos e poeiras de memórias escolares de um viadinho. In: GONÇALVES, Jean Carlos. *Qualquer semelhança não é mera coincidência: um olhar para a escola a partir do teatro: 1*. São Paulo: Hucitec, 2024. [p. 109-111] .

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Marcuschi, Luíz Antônio. (2001) Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez. 133p. *Revista Da Anpoll*, v.1, n.15, p.223-229, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i15.431>. Acesso em: 08 nov. 2024.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Aprendendo o que é racismo, homo-transfobia e classismo com minha professora do primeiro ano! In: GONÇALVES, Jean Carlos. *Qualquer semelhança não é mera coincidência: um olhar para a escola a partir do teatro: 1*. São Paulo: Hucitec, 2023. [p.95-98].

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. Trad. Ingrid Koudela e Eduardo Amos. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SIQUEIRA, Agnan. Sem título. In: GONÇALVES, Jean Carlos. *Qualquer semelhança não é mera coincidência: um olhar para a escola a partir do teatro: 1*. São Paulo: Hucitec, 2024. [p.107 - 108].

SOUZA, Adriana Teles de. Faz de Conta que eu Te Conto. In: GONÇALVES, Jean Carlos. *Qualquer semelhança não é mera coincidência: um olhar para a escola a partir do teatro: 1*. São Paulo: Hucitec, 2023. [p.103 - 105].



SOUZA, Naum Alves de. *Aurora da minha vida*. 5. ed. São Paulo: Salamandra, 2003.

UBERSFELD, Anne. *Para ler o teatro*. Trad. José Simões (coord.). São Paulo: Perspectiva, 2005.

Recebido em: 20/09/2024

Aprovado em: 23/11/2024

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT  
Centro de Arte – CEART  
*Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas  
[Urdimento.ceart@udesc.br](mailto:Urdimento.ceart@udesc.br)